

CRUZ VERMELHA - HISTÓRIA

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha – CICV surgiu em 1863, resultado direto dos esforços do suíço Henri Dunant. Durante uma viagem de negócios pela Itália, em 1859, ele testemunhou a Batalha de Solferino, travada entre tropas austríacas e francesas, que teve quase 40 mil baixas. Impressionado com a tragédia, Dunant organizou os serviços para atender os feridos de ambos os lados. Três anos depois, publicou o livro *Un Souvenir de Solferino* ("Uma Lembrança de Solferino"), no qual contava sua experiência e sugeria a formação de sociedades voluntárias para ajudar e proteger os feridos de guerra. O livro despertou a opinião pública europeia para o problema.

Em 1863, Dunant foi nomeado pelas autoridades suíças para um comitê que passou a viabilizar suas propostas humanitárias. Assim nascia a Cruz Vermelha. Dunant tratou de expandir sua ideia para outros países ao convocar uma conferência sobre o assunto com representantes de várias nações. E, em 1864, foi assinado um tratado internacional - o primeiro das famosas Convenções de Genebra - que, entre outras medidas, garantia neutralidade ao pessoal médico que trabalhasse nas guerras. Os signatários que ratificaram essa Convenção deveriam criar em seus respectivos países uma sociedade da Cruz Vermelha, de caráter civil quanto às funções, mas o pessoal enviado para o campo de guerra ficaria subordinado à disciplina militar do comandante. Por essa convenção, os hospitais militares e ambulâncias, assim como médicos e enfermeiras, seriam considerados neutros e a área do hospital seria zona de segurança. Todos deveriam usar um emblema, uma cruz vermelha sobre fundo branco, que passou a ser símbolo da organização em homenagem à Suíça, nas cores invertidas da bandeira daquele país. Essa convenção foi ratificada pelos doze países presentes, concretizando assim o primeiro tratado de Direito Internacional Humanitário e o nascimento do voluntarismo.

Quando começou organizar a criação da Cruz Vermelha, Henri Dunant era um empresário milionário. Mas ele acabou indo à falência ao dedicar mais tempo às atividades humanitárias do que aos seus negócios, chegando a virar um mendigo de rua numa pequena cidade suíça. Doente, foi redescoberto por um admirador, que conseguiu interná-lo num sanatório. Em 1901, Dunant recuperou o reconhecimento mundial e teve seus esforços humanitários recompensados ao se tornar o primeiro ganhador do Prêmio Nobel da Paz.

O registro e o reconhecimento da entidade ocorrem nos anos de 1910 e 1912. Com o passar do tempo, o desenvolvimento de outros grandes conflitos, incluindo aí as duas Guerras Mundiais, fez com que a Cruz Vermelha ganhasse um prestígio cada vez maior. Não se limitando ao ocidente as funções exercidas pela Cruz Vermelha, deram origem ao Crescente Vermelho, uma variação islâmica da entidade.

O trabalho do CICV e do Movimento Crescente Vermelho tem como base as Convenções de Genebra de 1949, os seus Protocolos Adicionais e os seus Estatutos. São organizações independentes e neutras que asseguram a proteção humanitária e a assistência às vítimas de conflitos armados e de outras situações de violência.

Além de ser reconhecida pelos serviços prestados voluntariamente, a Cruz Vermelha também foi um espaço de grande importância para se pensar os princípios éticos dos conflitos militares. Ao longo do século XX, diversas convenções internacionais discutiram e oficializaram convenções que tratavam a respeito do tratamento reservado aos civis e militares envolvidos em situação de guerra. Atualmente, cerca de 180 diferentes entidades representam ou trabalham em parceria com a Cruz Vermelha.

No Brasil, a Cruz Vermelha se iniciou no ano de 1907, graças à ação do Dr. Joaquim de Oliveira Botelho. Junto com outros profissionais da área de saúde e pessoas da sociedade promoveu uma reunião em 17 de outubro daquele ano na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, para lançamento das bases da organização da Cruz Vermelha Brasileira. Em reunião realizada em 5 de dezembro de 1908, foram discutidos e aprovados os Estatutos da Sociedade. Esta data ficou consagrada como a de fundação da Cruz Vermelha Brasileira, que teve como primeiro Presidente o Sanitarista Oswaldo Cruz.

As “Damas da Cruz Vermelha Brasileira”, comitê criado por um grupo de senhoras da sociedade carioca, deu origem à Seção Feminina, que teria como primeira tarefa, a formação do corpo de Enfermeiras voluntárias. Foi criada e inaugurada, em março de 1916, a Escola Prática de Enfermagem, sob a direção do Dr. Getúlio dos Santos, na época Capitão Médico do Exército. Os Cursos de Enfermagem são expandidos com a criação de filiais estaduais e municipais, seguindo a iniciativa de São Paulo que em 1912 passa a desenvolver os cursos de enfermagem.

Com o término da I Guerra Mundial, o país foi marcado pela gripe espanhola e, no Rio de Janeiro, a Cruz Vermelha Brasileira foi transformada em um hospital durante a epidemia. Esse trabalho evidenciou que a Cruz Vermelha não se destinava apenas aos cuidados dos feridos de guerra. A gripe espanhola levou ao óbito 15 mil pessoas, inclusive o presidente eleito à época Rodrigues Alves, deixando-a conhecida, na voz corrente, como gripe democrática.

Em São Paulo, a Cruz Vermelha Brasileira – Filial do Estado, foi fundada no ano de 1912, pela médica e pedagoga belga radicada no Brasil Marie Rennotte. Ex-diretora da Maternidade São Paulo, militava por uma educação de qualidade para as mulheres, e pela melhoria do sistema de saúde, situação agravada por doenças epidêmicas comuns à época.

Inconformada com tantos problemas sociais, Marie Rennotte convocou mulheres que até então só se ocupavam dos afazeres domésticos para participar das ações da organização e dos cursos de Enfermagem que ministrava na Escola de Enfermeiros da CVB do Estado de São Paulo.

Nos primeiros anos de existência, as principais missões da filial foram o envio de enfermeiras para atuar em guerras no Brasil e no exterior e o bom atendimento oferecido às crianças carentes em seu hospital infantil.

Conforme demonstra este anúncio: “Enfermeira. Precisa-se de uma, de preferência formada pela Cruz Vermelha, tendo prática de hospital e cirurgia. Bom ordenado. Cartas a José Fonseca. Jaboticabal. E.F. Paulista (Jornal Estado de São Paulo, 19/10/1928)” A preferência por enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha Brasileira, Filial Estado de São Paulo, pode ser entendida como resultado da influência na crença simbólica da Cruz Vermelha Brasileira. Neste sentido, pode se inferir que a enfermeira formada pela instituição era depositária de valores e crenças simbólicas que representavam a credibilidade institucional de seus agentes sociais.

Hoje, a Cruz Vermelha Brasileira - Filial do Estado de São Paulo, localizada na Av. Moreira Guimarães, 699 – Indianópolis - São Paulo – SP, é composta por: Entidade Mantenedora; Hospital dos Defeitos da Face; Escola de Enfermagem - Centro Formador e de Aperfeiçoamento em Ciências da Saúde, disponibilizando serviços nas seguintes áreas:

1 - Socorro e Desastre: tem por objetivo minimizar os efeitos de situações de calamidade (catástrofes e desastres naturais) na vida da população. O trabalho ocorre por meio de orientações a comunidades vulneráveis sobre prevenção de desastres e preparo para

emergências. O departamento pode atuar juntamente com órgãos governamentais na resposta aos desastres, compreendendo ações de socorro e assistência às populações atingidas;

2 - Primeiros Socorros: visa a capacitação da população em primeiros socorros para atuar em situações de emergência, uma prática que pode salvar vidas. Voluntários atuam na formação em escolas e áreas de vulnerabilidade social, além de Defesas Civas de São Paulo;

3 - Promoção à Saúde: desenvolve programas de saúde voltados à população mais vulnerável a fim de melhorar a qualidade de vida, promover saúde e bem-estar e apoiar o desenvolvimento social. A Cruz Vermelha atua na prevenção de doenças por meio de palestras e campanhas;

4 - Programas Comunitários: atua no auxílio a diversas creches, instituições e comunidades com doações de alimentos, itens de higiene pessoal e produtos de limpeza. Esses locais são cadastrados e recebem visitas constantes da instituição. Além do envio de donativos, a Cruz Vermelha de São Paulo promove palestras nas entidades sociais para falar sobre temas como higiene, nutrição, cuidados com o recém-nascido, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros. Também realizamos as campanhas do agasalho, de arrecadação de brinquedos para o Dia das Crianças e de distribuição de ovos de chocolate na Páscoa. Conheça as entidades beneficiadas todos os meses;

5 - Doações: é responsável por lidar com as doações que a instituição recebe durante o ano inteiro, separando, armazenando e estocando. Essas doações, entre elas roupas, alimentos, brinquedos, itens de higiene e produtos de limpeza, beneficiam milhares de pessoas todos os meses;

6 - Juventude: tem por objetivo conscientizar jovens e adolescentes sobre a importância da ajuda ao próximo, estimular a adesão ao voluntariado como forma de exercício da cidadania e promover atividades recreativas em instituições sociais. No projeto “Jovem Voluntário”, estudantes interagem com pessoas atendidas por instituições e moradores de comunidades, de modo que futuramente exerçam o espírito do voluntariado. A troca de experiências ocorre em oficinas, palestras e atividades recreativas, que têm por objetivo promover bem-estar e compartilhar informações pertinentes à realidade de populações vulneráveis. Considerando que a doação voluntária é o principal eixo para a obtenção de sangue com qualidade, trabalhamos também com o projeto “Clube 25”. O objetivo é promover e incentivar a doação altruística e periódica de sangue entre jovens de 18 a 25 anos. O trabalho é desempenhado por meio da conscientização sobre a importância da doação com palestras e oficinas. Os encontros promovem junto aos adolescentes o valor de salvar vidas doando sangue voluntariamente, além de informar sobre estilos de vida saudáveis;

7 - Estabelecimento de Laços Familiares (RLF): conflitos e desastres separam famílias, acarretando anos de incertezas sobre a sorte de um parente. Nesse cenário, os voluntários da Cruz Vermelha localizam pessoas, trocam mensagens, reúnem famílias e esclarecem o paradeiro das pessoas desaparecidas;

Em 2015, cerca de 90 mil pessoas foram beneficiadas pela Cruz Vermelha de São Paulo, que também distribuiu mais de 100 toneladas de doações.

A Cruz Vermelha Brasileira é reconhecida pelo governo brasileiro como sociedade de socorro voluntário, autônoma, auxiliar dos poderes públicos e, em particular, dos serviços militares de saúde, que em tempos de paz, leva ajuda a vítimas de catástrofes e desastres naturais.

Sites consultados:

cruzvermelhasp@cruzvermelhasp.org.br.

cvbsp.org.br/media/areas-deatuacao.php

www.cruzvermelha.org.br/products/sao-paulo/

www.cruzvermelha.org.br/institucional/

www.icrc.org/pt/o-cicv/historia

www.brasilecola.uol.com.br/curiosidades/as-origens-cruz-vermelha.htm

www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/historia-da-enfermagem

www.professores.faccat.br/moodle/mod/resource/view.php?id=9550

www.inter.coren-sp.gov.br/node/34635

<http://cvbsp.org.br/media/areas-de-atuacao.php>

www.cruzvermelha.org.br/historia-da-cvb/

www.cruzvermelhani.org.br/site/cruz-vermelha/cruz-vermelha-brasileira.html

www.cvbsp.org.br/media/instituicao.php

https://pt.wikipedia.org/wiki/História_do_Comitê_Internacional_da_Cruz_Vermelha

<https://www.icrc.org/pt/o-cicv/historia>

www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51321

Agosto de 2016



Conheça um pouco da fundadora do Hospital da Cruz Vermelha de SP:

À frente de uma importante obra, uma grande mulher: Marie Rennotte (1852-1942)

Nascida na Bélgica e formada professora na França, Marie Rennotte veio para o Brasil em 1878, aos 26 anos. Contratada pelo Colégio Piracicabano, inovador internato feminino, assume a coordenação pedagógica e o ensino de ciências naturais. Após alguns anos deixa o Brasil para estudar medicina na Woman's Medical College of Pennsylvania, onde se formou aos 40 anos de idade, especializando-se em seguida na França em ginecologia, obstetrícia e neonatologia. Quando volta ao Brasil, em 1895, defende a tese "Influência da educação da mulher sobre a medicina social", na Faculdade de Medicina e de Farmácia do Rio de Janeiro. Volta a São Paulo para exercer a medicina, onde se depara com o agravamento dos problemas de saneamento básico e de saúde pública. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia e foi diretora da Maternidade São Paulo, fundada em 1893 com o objetivo de amparar mulheres pobres em adiantado estado de gravidez e prestar assistência aos recém-nascidos, gratuitamente. Foi também a primeira mulher admitida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP). Em 1912 fundou a Filial Paulista da Cruz Vermelha Brasileira e, sempre preocupada com a saúde e a educação infantil, inicia uma campanha de arrecadação de donativos para a construção de um hospital para atendimento gratuito às crianças. O Hospital das Crianças foi construído em terreno doado em 1915 pela Companhia Territorial Paulista, no bairro de Indianópolis. O hospital foi inaugurado em 1917, sendo o primeiro do gênero no país, e funcionou até 1983. Fundou também a Escola Prática de Enfermagem da Cruz Vermelha, onde lecionava e ministrava treinamentos de campo às alunas. Deu assistência aos enfermos quando a gripe espanhola atingiu o país em 1918 e também em 1924 durante os confrontos do movimento tenentista, atendendo os feridos. Faleceu em 1942, aos 91 anos de idade, cega e praticamente na miséria, recebendo por decreto um auxílio do governo para o seu sustento. Sua bela biografia não cabe nas linhas deste post, mas não deve ser esquecida, nunca!

Fonte: De educadora a médica: trajetória de uma pioneira metodista. Mott, M.L. Revista do Cogeime nº 15 Dezembro 1999.

Fotos:

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-pira.../.../maria-renotte/>

https://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista8_2/v8n2a12.htm

<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/gente-nossa/maria-renotte/>